

COM “CAPITALIZAÇÃO”, CANDIDATOS QUEREM JOGAR COM AS APOSENTADORIAS NA ROLETA DO SISTEMA FINANCEIRO

Bolsonaro, Marina, Ciro e Álvaro Dias propõem a capitalização da Previdência em seus programas. Alckmin defende em entrevistas

Cinco candidatos à Presidência da República estão defendendo que a Previdência Social passe a adotar o modelo de “capitalização”, liberando que se jogue com os recursos das aposentadorias na roleta do sistema financeiro. Em linhas gerais, Jair Bolsonaro, Marina Silva, Ciro Gomes e Álvaro Dias defendem por escrito a capitalização em seus programas de governo. O tucano Geraldo Alckmin, cujo programa não detalha nenhuma de suas propostas, já defendeu a ideia em entrevistas.

PROBLEMAS - De acordo com estes

candidatos, a tal capitalização resolveria os problemas de financiamento do sistema e garantiria aposentadorias mais justas no futuro.

CATÁSTROFE CHILENA - Porém, um exemplo de capitalização da previdência pública muito próximo a nós é o do Chile, implementado pelo general Pinochet sob a supervisão do Banco Mundial. Lá, depois de mais de três décadas, este modelo provou que não dá certo, especialmente para os cidadãos que mais precisam dele. Os números falam por si: 91% dos aposentados recebem em média R\$ 694, menos do que o salário mínimo vigente no Chile. É uma situação mais precária do que a brasileira, em que 68% dos aposentados ganham pelo menos o salário mínimo local, que é R\$ 954.

ABSURDO - Outras candidaturas, egressas do sistema financeiro – como a do MDB e a do Novo -, embora não explicitem esse ponto, defendem que seja privatizado tudo o que for possível. Afinal, eles existem para fazer o jogo dos seus patrões. Sendo assim, é fácil supor que a capitalização da Previdência, ou mesmo sua entrega total a empresas privadas, esteja mais do que em seus planos.

MAIS PROBLEMAS - Mas as baixas aposentadorias não são o único problema. A situação é pior se imaginarmos que, quando o governo chileno fez a reforma da previdência, prometeu que as pessoas ganhariam mais e que o dinheiro investido ajudaria o país a investir mais em programas de desenvolvimento econômico e políticas sociais. Isso também não ocorreu.



Reginaldo Ribeiro, presidente do Marreta, com a secretária da Mulher da Conticom/CUT e do Marreta, Dulcilene Moraes

PERNAMBUCO: ENCONTRO DO MARRETA DEBATE SEGURANÇA NAS OBRAS, REATIVAÇÃO DO SETOR E DEFESA DOS DIREITOS

O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Pesada de Pernambuco (Marreta) realizou uma estratégica reunião sindical na quinta-feira (20) em Recife para debater a segurança nas obras, a reativação do setor e a luta contra a retirada dos direitos sociais e trabalhistas.

RETA FINAL - Assim como a Conticom, os dirigentes do Sindicato acreditam que, nesta reta final das eleições, é fundamental recordar ao conjunto da categoria o que está em jogo não apenas na eleição presidencial e dos governos estaduais, mas na própria composição da Câmara e do Senado.

AVANÇAR - Afinal, destacaram, além de lutar pela retomada de uma política de desenvolvimento, com geração de emprego e renda, será necessário enfrentar a terrível herança deixada pelos golpistas também no plano dos direitos, uma vez que a “reforma” trabalhista ampliou ainda mais a precarização.

SETOR DE MÓVEIS DE BAURU-SP APROVA 4%



A mobilização vitoriosa dos companheiros do setor moveleiro de Bauru, no interior paulista, comandada pelo Sindicato, conseguiu arrancar 4% de reajuste e manter os direitos da Convenção Coletiva de Trabalho.

MUITA LUTA NO ESPÍRITO SANTO: SINTRACONST CONSEGUE MANTER BENEFÍCIOS E DIREITOS

Após muita luta e resistência, o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil (Sintraconst-ES) conseguiu fechar parcialmente a Convenção Coletiva de Trabalho, mantendo importantes benefícios e direitos.

REPRESENTAÇÃO - A busca pela mediação da Justiça do Trabalho, avalia o presidente Virley Alves Santos, foi uma decisão acertada da diretoria, pois levou a uma suspensão da greve e a uma negociação mais bem feita. A representação da montagem industrial e a liberação de dirigentes, aguardam julgamento.

CRISE PROVOCA DESNACIONALIZAÇÃO DE CIMENTEIRAS

A indústria do cimento fechará 2018 com uma sequência de quatro anos consecutivos de queda, acumulando desde 2014 uma retração de 26%

A família Atalla comunicou na última quinta-feira (21) a venda da fábrica de cimentos Ciplan – Cimento do Planalto ao grupo francês Vicat. A Ciplan está entre as dez maiores cimenteiras do país e em 2018 completa 50 anos de atividades. Com capacidade de produção para três milhões de toneladas/ano, em 2017 produziu dois milhões. Em 2014 a produção chegou a dois milhões oitocentas mil toneladas.

ESTRANGEIROS - No início do mês o Grupo Ricardo Brennand, com fundação em 1917, anunciou a venda de 50% do controle acionário da Brennand Cimentos, fabricante do cimento Nacional, com capacidade de 3,3 milhões de toneladas ano, por R\$ 700 milhões para a empresa Buzzi Unicem, de origem italiana, que reúne 40 fábricas em 12 países.

De acordo com o Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC), “no mês

de agosto de 2018, foram vendidas 4,9 milhões de toneladas de cimento no mercado interno, um volume 2,4% menor que em agosto de 2017, de acordo com dados preliminares da indústria”.

VENDAS CAEM - No período de janeiro a agosto de 2018, as vendas acumularam 34,9 milhões de toneladas. Esse montante representa uma queda de 1,7% frente ao mesmo período do ano passado. Em 12 meses, as vendas totalizaram 52,7 milhões de toneladas, quantidade 2,6% menor do que nos 12 meses anteriores (setembro/16 a agosto/17).”

Para Paulo Camillo Penna, presidente do SNIC, “a indústria do cimento deve registrar uma queda entre 1% e 2% em 2018, o que representa uma sequência de quatro anos consecutivos de queda, acumulando desde 2014 uma retração de 26%.”

CAPACIDADE - A indústria de cimento brasileira reúne 100 fábricas pertencentes



Unidade da Ciplan em Brasília a 24 grupos empresariais (dados de 2016). Tem uma capacidade instalada de 100 milhões de toneladas ano. Produziu 54 milhões de toneladas em 2017 contra 57 milhões do ano anterior.

A venda das cimenteiras Atalla e Brennand é reflexo da tragédia que impacta o setor, resultado do desastre da política neoliberal, que derrubou drasticamente o investimento público, pois as obras de infraestrutura são um mercado chave para a indústria do cimento.

PIB REGUA 0,5% NO TRIMESTRE MAIO-JULHO E QUEDA DA CONSTRUÇÃO CIVIL É DE 1,3%

O Produto Interno Bruto (PIB) recuou 0,5% no trimestre maio-julho, em relação ao trimestre encerrado em abril, apurou o Monitor do PIB da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgado na quarta-feira (19). Na comparação com o trimestre encerrado em julho de 2017, houve uma ligeira variação de 0,5%.

A queda de 0,5% na comparação com o trimestre encerrado em abril foi puxada pela indústria (-1,9%) e pelos serviços (-0,4%). A agropecuária registrou alta de 2,8%.

DESINDUSTRIALIZAÇÃO - No caso específico da indústria, houve recuo de 2,8% na indústria da transformação, que é o principal setor para uma política de desenvolvimento nacional, com geração de mais e melhores empregos e renda. A construção civil caiu 1,3% e a indústria extrativa mineral diminuiu 0,8%. Nos serviços, houve queda de 1,2% no comércio, 3,6% nos transportes, 0,7% em outros serviços e 0,1% em administração pública.

Os números da FGV reafirmam os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que estampam a situação em que o país se vê mergulhado pela política neoliberal pela política dos golpistas.

O desemprego medido pelo IBGE registra nada menos que 13 milhões de desempregados e mais 27 milhões de subempregados em agosto. É o reflexo da paralisação em todos os setores da economia.

FARRA DOS BANCOS - Nos últimos anos, houve uma média de transferência de R\$ 400 bilhões anuais de todo o setor público para o sistema financeiro (bancos, fundos de investimentos e demais parasitas da economia nacional), via gastos com juros. Precisamente, R\$ 407,024 bilhões em 2016 (6,5% do PIB), R\$ 400,826 bilhões em 2017 (6,11% do PIB). Este ano, até julho, já foram para o ralo dos juros R\$ 228 bilhões (5,79% do PIB), segundo números do Banco Central.

MULHERES GANHAM 42,7% A MENOS QUE OS HOMENS

Mesmo com maior escolaridade e maior expectativa de vida, as mulheres brasileiras recebem 42,7% a menos que os homens. Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), a Renda Nacional Bruta per capita feminina está em torno de US\$ 10,073 contra US\$ 17,566 da masculina.

A desigualdade de renda é mais gritante ainda quando se compara os dados sobre escolaridade, onde a expectativa de uma menina que entra em idade regular no ensino é de permanecer estudando 15,9 anos, e ter uma média de ensino de 8 anos, enquanto para os meninos esse número cai para 14,9 anos e média de 7,7.

BEM ATRÁS - Os dados são do estudo Indicadores e Índices de Desenvolvimento Humano: Atualização Estatística 2018, que mediu o IDH de 189 países do mundo. O Brasil teve uma pequena, quase imperceptível, melhora de 0,001, mantendo o 79º lugar no ranking de desenvolvimento humano, passando a 0,759.

PROTESTO CONTRA BOLSONARO GANHA AS RUAS NO SÁBADO

Mulheres e homens pretendem ir às ruas, avenidas e praças no próximo dia 29, sábado, para mostrar sua rejeição contra o candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro (PSL), conhecido pelos ataques à dignidade e aos direitos das mulheres, trabalhadores, indígenas e quilombolas, entre outros.

UNIÃO - Já existem 109 eventos para a data em diversas capitais brasileiras, dezenas de cidades do interior em vários estados e até do exterior, como Lisboa, Porto e Coimbra (Portugal), Berlim (Alemanha), Lyon (França), Galway (Irlanda), Barcelona (Espanha), Sidney e Gold Coast (Austrália), Londres (Inglaterra) e Haia (Holanda).

EU NÃO NASCI DE UMA FRAQUEJADA!



MULHER, NÃO VOTE EM QUEM NÃO RESPEITA SUA FORÇA.

